



ENTREVISTA
com
Prof. Dr. Sylvain Auroux

**“A coruja de Minerva só alça voo quando o crepúsculo começa a cair”:
Entrevista com Sylvain Auroux¹**

Por:
Chloé LAPLANTINE²
(UMR 7597, CNRS/ HTL – Université Paris Cité)

Tradução e apresentação de Jorge Viana de MORAES³
(USP – Univesiedade de São Paulo)

¹ N. T.: Título original: « *La chouette de Minerve est un oiseau qui se lève au crépuscule* ». Entrevista nº 1 da série *Hiphilangsci interviews*, realizada em 15 de maio de 2021. Tradução publicada com a autorização da Profa. Dra. Chloé Laplantine, a quem agradecemos publicamente a cessão dos direitos de tradução e publicação em língua portuguesa para este número especial de *Metalinguagens*. Original disponível em: https://hiphilangsci.net/2021/05/15/interview_1_auroux/. Todas as notas são de responsabilidade do tradutor e apresentador da entrevista.

² Chloé Laplantine é pesquisadora (*chargée de recherches*) do CNRS no *Laboratoire d’Histoire des Théories Linguistiques* (HTL – Université Paris Cité / Sorbonne Nouvelle), onde coordena o eixo sobre correntes e teorizações das ciências da linguagem. Doutora pela Université Paris 8, obteve em 2024 sua Habilitação para Dirigir Pesquisas (HDR) pela Université Paris Cité e, em 2026, a qualificação como Professora Universitária. Especialista na obra de Émile Benveniste, pela qual recebeu o Prêmio da *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres* (2009). Desenvolve pesquisas sobre história da etnolinguística, arquivos linguísticos e línguas autóctones americanas, tendo atuado como pesquisadora visitante na *University of Alaska Southeast* (Fulbright) e na *University of British Columbia*. É diretora de publicações da revista *Histoire Épistémologie Langage* (HEL) e secretária da *Société d’Histoire et d’Épistémologie des Sciences du Langage* (SHESL). E-mail: <chloe.laplantine@u-paris.fr >

³ Doutor e Pós-Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP) no campo da História das Ideias Linguísticas/Historiografia Linguística, onde é professor e pesquisador no referido campo e no das Ciências da Linguagem (Área de Filologia e Língua Portuguesa). O autor é Editor Associado dos *Cadernos de Linguística* (ABRALIN) para textos voltados exclusivamente para a Área de História das Ideias Linguísticas/Historiografia Linguística. E-mail: <jorgevianademoraes@usp.br >.

APRESENTAÇÃO

O entrevistado desse número especial da *Revista Metalinguagens* é Sylvain Auroux. Nascido em Paris, a 28 de julho de 1947, Sylvain Auroux é um renomado filósofo, linguista e historiador das ciências da linguagem francês, amplamente reconhecido por suas contribuições à história e à epistemologia das ciências da linguagem. Auroux é pesquisador do CNRS (*Centre National de la Recherche Scientifique*) desde 1979⁴ e o fundador, na França, das pesquisas sobre a História e a Epistemologia das Ciências da Linguagem. Sua obra representa uma contribuição de grande importância, reconhecida internacionalmente. Dirigiu a *École Normale Supérieure* de Fontenay-Saint-Cloud (posteriormente ENS-LSH) de 1995 a 2005. Sylvain Auroux foi diretor do *Laboratoire d'Histoire des Théories Linguistiques* (HTL - UMR 7597, CNRS/Paris 7), o Labo, durante o período de 1992 a 2001. Durante sua gestão, ele liderou o grande projeto internacional de pesquisa, cujo resultado é a coleção *Histoire des idées linguistiques*, dirigida por ele e publicada, entre o período de 1989 e 2000, em 3 volumes principais pela prestigiada editora belga Mardaga: Tomo 1 (1989): *La naissance des métalangages en Orient et en Occident* (O nascimento das metalinguagens no Oriente e no Ocidente); Tomo 2 (1992): *Le développement de la grammaire occidentale* (O desenvolvimento da gramática ocidental); Tomo 3 (2000): *L'hégémonie du comparatisme* (A hegemonia do comparatismo).⁵ Não se pode deixar de considerar e mencionar aqui a importância de Sylvain Auroux na sua ligação com os trabalhos da *Société d'Histoire et d'Épistémologie des Sciences du Langage*

⁴ Hoje Pesquisador Sênior.

⁵ Não confundir com a monumental *History of the Language Sciences / Geschichte der Sprachwissenschaften / Histoire Des Sciences Du Langage* (HSK vols. 3; 13 e 18, De Gruyter), obra de caráter enciclopédico e multilíngue igualmente publicada em três volumes (respectivamente em 2000, 2001 e 2006) também dirigida por Sylvain Auroux em parceria com E.F.K. Koerner, Hans-Josef Niederehe e Kees Versteegh.

(SHESL), instituição que, desde 1978, reúne interessados na história e na epistemologia das ciências da linguagem, da qual Auroux foi o segundo presidente (1984-1987), assim como o segundo diretor do HTL (1988-2001), conforme já mencionado. O primeiro dirigente das duas instituições vinculadas foi Jean-Claude Chevalier.

Além disso, Sylvain Auroux é autor de obras influentes, como *A revolução tecnológica da gramatização* (1992); *A filosofia da linguagem* (1998 [1996]); *La raison, le langage et le normes* (1998); *A questão da origem das línguas* seguido de *A historicidade das ciências* (2008), além de outras menos conhecidas, como: *La Sémiotique des Encyclopédistes: essai d'épistémologie historique des sciences du langage* (1979) e *La logique des idées* (1993). A partir dessas obras, Auroux introduziu o conceito de “gramatização” e de “instrumentos linguísticos” (como gramáticas e dicionários) para analisar a historicidade e a construção do saber linguístico. Além de outros importantes conceitos para o trabalho histórico e epistemológico com a linguagem, tais como o de “gramática latina estendida”, “horizonte de retrospectção”, “horizonte de prospecção”, “hiperlíngua”; bem como a introdução de teses fortes para a abordagem sobre a construção e compreensão dos conhecimentos⁶, de modo geral, e, em específico, sobre a linguagem, tais como a “hipótese da história”, a “hipótese dos instrumentos linguísticos” e a “hipótese da subdeterminação das atividades linguísticas pela gramática” (idem, p. 108-109).⁷ Essas hipóteses configuram e buscam analisar o processo de construção e estabilização dos conhecimentos científicos na linguagem, indo além da ideia de rupturas epistemológicas,

⁶ Referimo-nos aqui ao *empirismo externalista*, que, segundo Auroux, “trata-se de constituir as bases de uma nova versão do empirismo” (Auroux, 1998, p. 4).

⁷ Por razões óbvias, não desenvolveremos nenhum desses conceitos ou hipóteses, uma vez que não é o espaço apropriado para tal.

como a que costuma atribuir a origem da linguística apenas a Saussure, além de trazer novas contribuições para a explicação sobre a natureza da linguagem e das línguas.

Como se sabe, Sylvain Aurox é uma referência incontornável na história das ideias linguísticas, mas, para nós, no Brasil, ele é também um interlocutor próximo – juntamente com o grupo de pesquisadores que se agregam em torno dele –, cuja obra se entrelaça diretamente com trajetórias e projetos de pesquisa desenvolvidos em nossas universidades, especialmente na Unicamp e na USP. Assim, a relação de Aurox com o Brasil passa, inicialmente, pela interlocução com a Unicamp (IEL), em especial com o grupo de pesquisa liderado pela Prof^a. Dr^a. Eni Puccinelli Orlandi, agregando pesquisadores de outras universidades, nacionais e internacionais, em torno do vasto projeto que encontrou aqui um terreno particularmente fértil, sendo denominado “História das Ideias Linguísticas no Brasil”. É nesse contexto que se consolidam os primeiros convênios de cooperação entre equipes francesas e brasileiras, nos quais a reflexão sobre a gramatização, os instrumentos linguísticos (conceito expandido pelos pesquisadores brasileiros), a constituição das ciências da linguagem e a circulação de saberes, especialmente construídos no Brasil, ganham uma dimensão efetivamente internacional. Dessa relação, produziram-se (e ainda se produzem) trabalhos que se articulam e dialogam fortemente com a fundamentação teórica da Análise do discurso de linha francesa (ou se quisermos, pecheuxiana)⁸, uma vez que os aspectos relacionados à história linguística brasileira e à construção do conhecimento e do saber linguístico pro-

⁸ Com exceção dos trabalhos da professora Diana Pessoa de Barros, que sempre vincula sua produção, quer em História das Ideias Linguísticas, quer em Estudos do Discurso e do Texto, à Semiótica discursiva de linha francesa (ou greimasiana).

duzidos no Brasil entrelaçam-se, nos trabalhos desses pesquisadores, às questões ideológicas e políticas.⁹

A interlocução do filósofo e linguista francês com os pesquisadores brasileiros se estendeu aos trabalhos realizados na Universidade de São Paulo. Em 2000, a Prof^ª. Dr^ª. Marli Quadros Leite (DLCV-FFLCH-USP) realizou estágio de pós-doutoramento na, então denominada, Université de Paris VII – Denis-Diderot (hoje Université de Paris Cité), junto ao Laboratoire d’Histoire des Théories Linguistiques et Sciences du Langage (HTL – UMR 7597, CNRS), que, conforme comentado anteriormente, Sylvain Auroux dirigiu entre 1992 e 2001. Esse laboratório tornou-se um polo de referência para pesquisadores brasileiros interessados na história das teorias linguísticas e na análise da gramática como instrumento privilegiado de constituição e divulgação de saberes sobre a língua, na sua interlocução com importantes pesquisadores vinculados ao nosso entrevistado: tais como Sylvie Archaimbault, Bernard Colombat, Jacqueline Léon e o próprio Auroux. (CNRS). A partir de então, estabeleceu-se um forte vínculo com a equipe do *Laboratoire* pela formalização de um acordo de cooperação entre a USP e a Université de Paris VII, por meio do qual se instituiu um intercâmbio regular de alunos e professores. No âmbito desse intercâmbio, a professora Marli Quadros Leite organizou e participou de seminários transmitidos por videoconferência, tanto de Paris VII para a USP quanto da USP para Paris VII, fortalecendo de modo decisivo a colaboração científica entre as duas instituições. Auroux tomou parte nesses seminários com impor

⁹ No site do Projeto encontram-se as seguintes informações: “a produção deste primeiro projeto e seus resultados levou a um segundo, também com apoio CAPES/COFECUB: “História das Idéias Linguísticas no Brasil: Ética e Política de Línguas”. Este projeto teve a coordenação no Brasil de Eni Orlandi (UNICAMP) e Diana Luz Pessoa de Barros (USP) e na França de Sylvain Auroux e trouxe para o centro de seus interesses, além da história do saber sobre a língua, a questão das relações de línguas como a questão política”.

tantes conferências, (normalmente de abertura) sobre temáticas que depois eram desenvolvidas, ao longo do ano acadêmico, também por outros pesquisadores, sob outros pontos de vistas, a partir da análise das línguas mais diversas. Desde o início, essa parceria se articula de modo particularmente intenso com o GT “Gramáticas: história, descrição e discurso” (USP-CNPq)¹⁰, liderado pela Prof^a. Dr^a. Marli Quadros Leite e pelo Prof. Dr. Jorge Viana de Moraes¹¹, com a participação de importantes pesquisadores e pesquisadoras como Diana Luz Pessoa de Barros, Margarida Petter, Marcos Martinho, Jean Marie Fournier, Franciene Mazière, Emilio Bonvini, entre outros, ao longo de seus quase 18 anos de existência. O GT reúne estudiosos interessados na gramática como instrumento linguístico central tanto para a constituição quanto para a circulação de teorias linguísticas, em perspectiva sincrônica e diacrônica, tomando a gramática como objeto de estudo e de análise discursiva e histórica. Esse grupo brasileiro tem mantido, há anos, um trabalho conjunto com a equipe de Auroux no HTL no âmbito do convênio entre a FFLCH/USP (Departamentos de Letras Clássicas e Vernáculas e de Linguística) e a Université de Paris Cité (UMR 7597), antiga Paris VII – Denis Diderot.

Por tudo isso, e por muito mais, a entrevista de Sylvain Auroux a Chloé Laplantine, aqui traduzida para o português, adquire um lugar estratégico neste número especial da Revista *Metalinguagens*. Mais do que um registro biográfico ou um balan-

¹⁰ Desde a sua criação, em 2009, os integrantes do GT e alunos de pós-graduação têm participado e acompanhado, respectivamente, os *Séminaire d'histoire & d'épistémologie des sciences du langage*, cujas conferências foram realizadas em Paris e no Brasil e transmitidas por videoconferência. A partir de 2013, em vez do seminário realizado por videoconferência, decidiu-se realizar um colóquio anual, transmitido, também por videoconferência. A mudança visava a possibilitar que os doutorandos, de Paris VII e da USP, também tivessem oportunidade de apresentar seus trabalhos.

¹¹ Conforme registro certificado no Diretório dos Grupos de Pesquisas no Brasil do CNPq: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/696773>.

ço de trajetória, o texto da entrevista faz emergir, em primeira pessoa, questões teóricas e epistemológicas centrais para compreender a constituição das ciências da linguagem, o papel dos instrumentos linguísticos, a historicidade dos saberes e as condições de produção das metalinguagens. Ao acompanharmos o percurso intelectual de Aurox, temos também acesso a um modo de fazer história das ideias linguísticas que impactou decisivamente a pesquisa brasileira, em particular aquela desenvolvida na Unicamp e na USP, e que continua a orientar novos projetos e leituras.

A publicação desta entrevista em língua portuguesa, nesse sentido, não apenas amplia o acesso à obra de Aurox, como também reforça e renova uma interlocução já consolidada entre pesquisadores franceses e brasileiros. Ela permite que novas gerações de estudiosos possam retomar, interrogar e prolongar as hipóteses e os conceitos por ele formulados – como os de gramatização, instrumentos linguísticos, hiperlíngua, horizonte de retrospecção e de prospecção – em diálogo com problemas atuais das ciências da linguagem. Ao inscrever esta conversa no espaço da Revista Metalinguagens, buscamos, assim, homenagear uma referência fundamental na história das ideias linguísticas e, ao mesmo tempo, convidar o leitor a fazer da leitura desta entrevista um ponto de partida para novas investigações, controvérsias e desdobramentos teóricos no campo da linguagem.

ENTREVISTA

[*Chloé Laplantine*]:

Olá, Sylvain, obrigada por aceitar responder às minhas perguntas.

O objetivo desta entrevista é tornar conhecido o seu trabalho, revisitar a sua trajetória, seus livros, destacar as problemáticas e os campos de investigação para os quais você se voltou, bem como o papel que desempenhou na organização de uma rede em história das ideias linguísticas.

Você poderia nos dizer em poucas palavras qual foi a sua formação e quando começou a se interessar pelas questões relativas à linguagem?

[*Sylvain Auroux*]:

Por que eu me inteirei pela linguagem? Em primeiro lugar, a linguagem era o tema do concurso de ingresso em filosofia na Escola [École Normale Supérieure]. Comecei muito cedo e, muito cedo, segui os conselhos de Desanti, meu professor de filosofia, que nos dizia que só se podia falar de uma disciplina sob a condição de estar situado dentro da disciplina.

Então fiz meus estudos de linguística, mas com o objetivo de elaborar uma reflexão sobre a disciplina, e não com o objetivo de sair descrevendo línguas desconhecidas.

Então, por que se interessar pela história das ideias linguísticas? Na época, havia uma espécie de *koiné*, mesmo entre quem fazia história – eu diria até, com mais razão ainda, entre os historiadores –, que consistia em afirmar que havia rupturas epistemológicas, um pouco como mudanças de *gestalt*, e que, no fim das contas, a linguística teria nascido com Ferdinand de Saussure; teria havido aí uma ruptura epistemológica,

haveria um antes e um depois. O “antes” eram balbucios, o “depois” era ciência. Trata-se de uma tese que sempre me pareceu completamente equivocada e que se devia, simplesmente, à ignorância das pessoas que a sustentavam.

Por conseguinte, eu ataquei essa questão sob dois pontos de vista: por um lado, do ponto de vista de um filósofo que considerava que essa história das rupturas epistemológicas era totalmente superestimada – e, quando releio hoje os textos de Bachelard sobre o assunto, penso que isso estava ainda mais superestimado do que eu imaginava na época –; e, por outro lado, porque me parecia francamente impossível que aquele trabalho considerável dos gramáticos gregos, por exemplo, pudesse se situar fora da ciência, enquanto qualquer *maître de conférences* da Sorbonne desbravava o caminho real para o conhecimento da linguagem.

Então comecei a trabalhar essa questão e, como tenho um temperamento que me impele a organizar as coisas, acabei envolvendo um monte de gente, e isso produziu, no fim das contas, um conhecimento bastante aprofundado do que foi o desenvolvimento dos saberes linguísticos, sendo mais ou menos claro que se trata de uma das disciplinas mais antigas da história da humanidade. E era, ainda assim, um tanto ousado explicar que “enfim, veio Saussure e a ciência nasceu”¹². Grosso modo, é isso.

Como bom filósofo tradicional, cheguei inclusive a ensinar filosofia no ensino médio como professor agregado, antes de entrar no CNRS, na seção “ciências da lin-

¹² Auroux faz aqui uma paródia da famosa sentença de Nicolas Boileau (1636-1711) em seu *L'Art poétique*: “*Enfin Malherbe vint*” (Finalmente veio Malherbe). Na tradição literária francesa, essa frase de Boileau é o marco simbólico do nascimento do Classicismo, sugerindo que, antes de Malherbe, a poesia francesa carecia de ordem e clareza. Ao transpor a estrutura para “*Enfin Saussure vint*”, Auroux critica ironicamente o que considera um “mito fundador” da linguística moderna: a ideia de que a disciplina teria surgido como ciência apenas com a suposta “ruptura” saussuriana, ignorando séculos de rigorosa produção teórica anterior.

guagem”. Ou seja, também filósofo das ciências. A ideia é que devemos tentar analisar os processos pelos quais se constroem os conhecimentos: como eles se estabilizam, por quais protocolos se verificam e como se coagulam naquilo que chamamos de ciência. E sempre sustentei que as ciências da linguagem são ciências de pleno direito e que é totalmente superficial tentar explicar que elas teriam “nascido” recentemente.

[Chloé Laplantine]:

Você poderia nos contar um pouco mais sobre Jean-Toussaint Desanti?

[Sylvain Auroux]:

Jean Toussaint-Desanti, ex-aluno da rua de Ulm¹³ e, portanto, aluno de Caillaud, encarnou toda uma tradição da epistemologia francesa; ele foi filiado ao Partido Comunista quando ainda era estudante na Escola, chegou a estar, em dado momento, quase no comitê central, e se retirou de fininho em 1956, em função dos acontecimentos bem conhecidos. Mas, como dizer, ele era alguém realmente prodigioso. Quando vinha dar aula, tínhamos, por exemplo, Aristóteles, certos textos de Aristóteles, no programa da agregação. Ele chegava apenas com o texto grego, e nada mais, e fazia o comentário a partir dali. Era um filósofo profundamente versado em filosofia antiga, sobretudo em Aristóteles, e em filosofia da matemática, especializando-se no surgimento de determinadas teorias de funções no século XIX. Ao mesmo tempo, ele tinha uma ideia global do que era a filosofia, não como disciplina soberana, como se acredita

¹³ Ou seja, da emblemática *École Normale Supérieure* [Escola Normal Superior de Paris] (também conhecida como ENS-Ulm ou Ulm), cujo campus principal está situado na **rue d'Ulm**.

va na época, mas como uma espécie de discurso secundário que, com base em um conhecimento científico, elabora problemáticas, questões, construções, teses gerais.

Era também alguém que, além disso, era um grande orador e se interessava por alguns de seus alunos. E foi isso que me cativou, porque eu me entediava muito nas aulas de filosofia, em particular em *Nanterre*, para onde iam os alunos de Saint-Cloud. No conjunto, o nível era bem mediano. A Sorbonne não era muito melhor, mas Desanti me fez ler coisas – notadamente, claro, Husserl, mas sobretudo Aristóteles, que continuava sendo, para nós, o filósofo. No fundo, para nós, Platão não passava de um pré-aristotélico.

Creio que foi daí que nasceu meu desejo de compreender como o saber funciona, e não por meio da introspecção, como queriam os filósofos, em particular os últimos fenomenólogos, mas por meio do estudo concreto dos processos pelos quais o saber se constrói em uma sociedade, com instituições etc. É, em linhas gerais, isso o que me guiou nos meus trabalhos e que constitui um pouco a especificidade do meu estilo epistemológico.

[Chloé Laplantine]:

Você poderia nos dizer como começou a trabalhar sobre os verbetes “grammaire” [gramática] e “langue” [língua] da *Encyclopédie*, e o que havia de interessante neles?

[Sylvain Auroux]:

Para isso é preciso voltar à ideologia da época. Estamos no final dos anos 1970 e fomos discípulos de Foucault. Lembro que *Les mots et les choses* [As Palavras e as Coisas] foi publicado em 1966. Pois bem, o livro está cheio de erros, mas foi, eu diria, a obra a partir da qual pessoas como eu construíram sua trajetória. E o que havia em Fou-

cault? A ideia de *épistémè*, isto é, no fim das contas, a ideia de que havia uma constituição de campos disciplinares e interdisciplinares próprios de uma determinada época.

Então, com alguns amigos, dissemos que iríamos estudar todos os campos de uma época. Eu me especializava em linguagem. Outros se ocupavam de economia, de matemática etc. E fomos um pouco preguiçosos: dissemos que, no fundo, a *Encyclopédie* representava bem esses campos disciplinares de uma época. Em vez de nos dispersarmos numa infinidade incerta de obras, iríamos tomar os diferentes domínios tratados pela *Encyclopédie* e ver como se articulavam, e coube a mim o domínio da linguagem.

E, como acontece com frequência em empreendimentos coletivos, foi isso o que sobrou do nosso grande projeto: a minha edição dos verbetes *langue* e *grammaire* da *Encyclopédie*.

[Chloé Laplantine]:

Você pode falar do seu livro *La Sémiotique des Encyclopédistes*?

[Sylvain Auroux]:

É a minha tese de terceiro ciclo¹⁴, que redigi ao mesmo tempo em que prestava a agregação. A agregação é um concurso absolutamente insuportável. A gente se entendia, é preciso fazer outra coisa. Assim, em 1972 o livro foi publicado, em uma versão revista em 1979. Mas é a obra à qual tenho mais apreço.

¹⁴ Uma tese de terceiro ciclo (*thèse de troisième cycle*) na França equivale, de maneira geral, ao Doutorado no Brasil. Contexto histórico e atual: antigamente, a França distinguia entre a tese de “terceiro ciclo” (especialidade) e o “doutorado de estado”. Atualmente, com a harmonização europeia (sistema LMD: Licence-Master-Doctorat), o doutorado francês é reconhecido como o terceiro ciclo de estudos, correspondendo ao Doutorado brasileiro. (COMMISSION EUROPÉENNE, 2026). Disponível em: <https://eurydice.eacea.ec.europa.eu/fr/eurydice/france/troisieme-cycle-programmes-de-doctorat>. Acesso em: 13 fev. 2026.

Porque foi a primeira vez que formulei um certo número de teses sobre a consistência dos campos de saber, trabalhadas extensamente na introdução, ainda que o livro não tenha tido a repercussão que eu teria imaginado. Pois, eu diria, foi a primeira vez que mostrei a coerência de um campo de conhecimentos na sua constituição, no seu funcionamento, nos seus progressos, nas suas teses etc. E creio que, de fato, para mim, foi um livro formador. Não vou dizer que as teses que ele desenvolve sejam mais importantes do que aquelas que desenvolvi em outras obras; é simplesmente que, numa trajetória intelectual, o primeiro livro que a gente escreve e que é publicado diretamente pela Payot é algo marcante.

[Chloé Laplantine]:

Era um livro “aventureiro” na época?

[Sylvain Auroux]:

Ah, sem dúvida. Sem dúvida nenhuma, porque, por um lado, ele tinha, de fato, sua fonte factual em Foucault, e, se Foucault não tivesse escrito *Les mots et les choses* [As Palavras e as Coisas], penso que o conjunto do material com que ele lidava não teria chamado nossa atenção. Mas, por outro lado, uma vez despertada essa atenção, logo nos pareceu que ele tinha lido tudo aquilo muito rapidamente e, com frequência, não passava dos prefácios. Sou muito crítico em relação a Foucault, a esse Foucault em particular.

O último Foucault, o homem das prisões, o analista das relações entre poder e saber, esse é forte. Penso que *Les mots et les choses* é, bem, uma dissertação de *khâgneux*¹⁵, mas [mesmo assim] me fez querer trabalhar nessas questões.

[Chloé Laplantine]:

Houve encontros ou livros que exerceram uma influência determinante sobre a sua reflexão?

[Sylvain Auroux]:

Houve Foucault, como eu dizia, mas, em filosofia, eu estudei em uma época em que estávamos, digamos, bastante desconfortáveis. Na França, reinava, no melhor dos casos, Husserl e, no pior, a vulgata de Heidegger. Era um pouco aterrorizante. Então gente como eu fugia lendo filósofos anglo-saxões, fazendo lógica, fazendo matemática, achando que essa filosofia que ficava se coçando indefinidamente a consciência não tinha nada de interessante a produzir para o mundo.

Foi assim que cheguei à ideia de analisar o funcionamento concreto das ciências para construir uma teoria do conhecimento. E as ciências da linguagem estavam ali. Além disso, era um período de enorme desenvolvimento e de grande repercussão cultural das ciências da linguagem. Era a época em que alguns não hesitavam em considerar a linguística uma “ciência-piloto”, sem ter, aliás, a menor ideia do enraizamento grego de nossos conhecimentos linguísticos. Para eles, tratava-se de três frases que

¹⁵ *Khâgneux*, na França, se refere a uma pessoa em seu segundo ano do ensino superior em cursos preparatórios para as humanidades, apelidada de *khâgne*. A forte crítica à obra *As Palavras e as Coisas* de Foucault feita aqui por Auroux poderia ser traduzida ao pé da letra em algo como: “Acho que *As Palavras e as Coisas* é, bem, uma espécie de ensaio para um estudante de cursos preparatórios para as grandes *écoles*, mas [mesmo assim] me fez querer trabalhar nessas questões.

retinham de Saussure, e isso bastava para fazer “a ciência”: ótimo para publicidade, aulas e artigos no *Nouvel Obs*¹⁶.

[Chloé Laplantine]:

Você pode nos dizer uma palavra sobre Antoine Culioli¹⁷?

[Sylvain Auroux]:

Culioli. Eu não fui, propriamente, aluno de Culioli, pois eu estava em Paris 5. Sou, portanto, aluno do velho Martinet, da tradição estruturalista, enquanto Culioli lecionava em Paris 7, mas vinha, de fato, da linguística inglesa. Era professor de inglês, no início. Depois, tive muitos amigos em Paris 7. Aproximei-me de Culioli. Conversei

¹⁶ Fundada em 1964 por Jean Daniel e Claude Perdrrie, *Le Nouvel Obs*, anteriormente conhecido como *Le Nouvel Observateur* (e muitas vezes apenas *L'Obs*) para refletir sua presença moderna e multiplataforma, é uma renomada revista semanal de notícias francesa (newsmagazine), focada em temas variados, incluindo política, sociedade, economia, meio ambiente e cultura.

¹⁷ Antoine Culioli (1924-2018), figura importante na carreira acadêmica de Sylvain Auroux, foi um destacado linguista francês, que passou inicialmente ao conhecimento do público especializado brasileiro mediante a noção amplamente divulgada de *atividade epilinguística* (ou seja, uma atividade metalinguística não consciente do falante, conforme definida pelo próprio Culioli, p 1990, p. 41). Todavia, mais do que isso, Culioli é um autor que redefiniu o próprio objeto de estudo da Linguística: em vez de se deter na língua, como em Saussure da vulgata, ele desenvolve uma abordagem da enunciação que vai do empírico ao formal, ultrapassando a perspectiva de Benveniste nesse campo, para pensar a atividade de linguagem tal como se apreende na diversidade das línguas naturais e na pluralidade dos textos, orais e escritos (cf. CULIOLI, 1990, vol. p.14). Culioli, neste trecho, que é uma espécie de definição de sua *Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas*, afirma o seguinte: “Direi que a linguística tem por objeto a atividade de linguagem apreendida através da diversidade das línguas naturais (e através da diversidade dos textos, orais ou escritos). Insisto bem nesses dois pontos: por um lado, digo que se trata dessa atividade de linguagem (ela mesma definida como operações de representação, de referenciação e de regulação); por outro lado, digo que essa atividade só podemos apreendê-la, a fim de estudar seu funcionamento, através de configurações específicas, de arranjos em uma determinada língua. A atividade de linguagem remete a uma atividade de produção e de reconhecimento de formas; ora, essas formas não podem ser estudadas independentemente dos textos, e os textos não podem ser independentes das línguas” (CULIOLI, 1990, vol 1, p. 14, tradução nossa). Sua obra tem sido divulgada no Brasil nos últimos anos pelos seus ex-alunos e ex-orientandos, bem como tem sido aplicada a partir de importantes publicações, quer em livros, quer em artigos ou teses doutorais. Ver sobretudo: VOGUÉ, S. de; FRANCKEL, J. J.; PAILLARD, D. **Linguagem e enunciação**: representação, referenciação e regulação. São Paulo: Contexto, 2011.

bastante com ele. Ele se interessava muito tanto pelas teorias linguísticas quanto, digamos, pela filosofia.

E acrescento que foi ele quem me aconselhou a constituir uma equipe de história da linguística, e foi ele inclusive quem deu o título de “história das teorias linguísticas”, porque achava que “história das ciências da linguagem” era vago demais e sem graça. Devemos muito a Culioli, que era, por um lado, um linguista perito notável e, por outro, um espírito extremamente aberto, extremamente teórico, extremamente curioso – tão curioso que não tomava tempo para escrever.¹⁸ Aí está o problema.

Mas sim, eu diria que, em linguística, provavelmente foi Culioli quem mais me trouxe. Não quero dizer que meus estudos com Martinet não tenham trazido nada. Eles me ensinaram o básico da fonologia, o básico da análise estrutural de uma língua desconhecida. Mas com Culioli encontrei ideias que ressoaram em mim, por exemplo a ideia de que o que funciona na linguagem são operações. Isso é extremamente fundamental, já que sempre se representou a linguagem como algo plano, de certo modo como pedaços que se encaixam uns nos outros. E Culioli tinha a ideia de que o enunciado, no fundo, não é mais do que um resultado, que, por trás dele, há um processo, e que, nesse processo, o que é normatizado e regular são as operações. E isso, a meu ver, é uma ideia extremamente forte.

Essa é uma das coisas que Culioli nos trouxe, além do fato de que, um dia, ele disse: “você vão constituir um grupo de história das teorias linguísticas, eu dou um

¹⁸ Nos anos 1990, os trabalhos dispersos de Culioli foram reunidos sob uma coleção em três volumes, a saber: CULIOLI, A. *Pour une linguistique de l'énonciation: opérations et représentations*. Paris: Ophrys, 1990. v. 1; CULIOLI, A. *Pour une linguistique de l'énonciation: formalisation et opérations de repérage*. Paris: Ophrys, 1999a. v. 2. CULIOLI, A. *Pour une linguistique de l'énonciation: domaine notionnel*. Paris: Ophrys, 1999b. v. 3.

gabinete para vocês e vocês têm direito à fotocopadora do Departamento de Pesquisas Linguísticas”. E isso era a arma. A gente não estaria aqui sem isso.

[Chloé Laplantine]:

Você poderia dizer uma palavra sobre os trabalhos que se faziam em linguística quando você começou as suas pesquisas? E chegou a descrever línguas?

[Sylvain Auroux]:

Bom, evidentemente, eu fiz linguística, fiz estudos completos de linguística. Então, fiz exercícios. Aconteceu de eu trabalhar em grupos que descreviam línguas, em particular línguas ameríndias, mas não era isso que me interessava. O que me interessava era saber como se podia construir um conhecimento a partir do fato de que o ser humano fala.

Porque logo entendi que as gramáticas não eram apenas conjuntos de conhecimentos: eram instrumentos. Funcionaram assim para normalizar espaços de comunicação, transmitir línguas, fornecer técnicas de apreensão de textos etc. Então, sim, me fascinava ver que se podiam construir saberes com base nisso, e quais eram também os limites desse saber. Não se deve esquecer que, na época, não era raro pensar que a gramática gerativa nos diria o alfa e o ômega da essência da linguagem.

Então o que era importante era essa ideia de passar pela mediação de um conhecimento construído para chegar a compreender como o seu objeto funciona. Pode parecer um pouco rebuscado e óbvio como abordagem, mas eu não acredito em contato imediato com as coisas.

[Chloé Laplantine]:

Gostaria que voltássemos a três de seus livros: *La logique des idées*, *La révolution technologique de la grammatisation* e *La raison, le langage et les normes*.¹⁹ Eles foram publicados em datas relativamente próximas, mas tratam de problemas bastante distintos. O que eles têm em comum?

[Sylvain Auroux]:

O que eles têm em comum é, em última instância, a ideia de apreender a natureza da linguagem por meio dos discursos científicos que ela pôde suscitar. Em *La logique des idées*, o que procuro mostrar é que, no fundo, já no século XVII, dispúnhamos dos elementos de uma nova concepção do funcionamento do pensamento, aquilo que chamei de “lógica das ideias”, que foi totalmente obscurecida porque – não sem razão – se considerava que, do ponto de vista lógico, ela era relativamente fraca em relação ao que se fez no século XIX. Isso não é tão verdadeiro assim e, além disso, para um historiador das ciências como eu, nada nasce do nada.

Fui um dos primeiros a considerar que as chamadas “estruturas epistemológicas” eram, de certa maneira, o equivalente, na história das ciências, da geração espontânea em biologia, e todo mundo sabe o que se deve pensar sobre a geração espontânea. Assim, trata-se de reencontrar uma coerência e uma força em textos clássicos reputados desorganizados e tentar mostrar que havia um lugar para eles na história do pensamento lógico, notadamente com invenções: penso, por exemplo, que o elemento neu

¹⁹ Dos três livros mencionados, apenas o segundo foi traduzido para o português, sob o título de **A revolução tecnológica da gramatização**. Trad. Eni Orlandi. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992. Há três edições até o momento. Os outros continuam inéditos em língua portuguesa.

tro – isto é, algo fundamental para o cálculo na lógica booleana – é algo que pôde ser trazido à luz na Idade Clássica.

Então, se você quiser, eu tenho essa ideia de que há rupturas, há momentos em que os campos se reorganizam. Mas eu sou atomista, sou um verdadeiro materialista, isto é, considero que há núcleos de racionalidade que perduram ao longo dessas reorganizações, mesmo sendo afetados por elas, e é isso que se deve acompanhar quando se faz história das ciências.

[Chloé Laplantine]:

Algo que você trouxe de absolutamente original para o questionamento em história e epistemologia das ciências da linguagem é a abertura das pesquisas a tradições linguísticas não ocidentais e a períodos antigos. Na época, isso era uma reação a uma concepção muito estreita da linguística? E que novos questionamentos esse interesse pela diversidade das tradições linguísticas trouxe?

[Sylvain Auroux]:

Sim, era algo absolutamente, digamos, impensável. Havia, é certo, pessoas que se interessavam pelo que se dizia da linguagem na China, ou mesmo por algo intelectualmente mais próximo de nós, como a Índia, mas não era com a ideia de considerar que isso pertencia à história das ciências.

E, sob esse ponto de vista, fui marcado por duas questões. Em primeiro lugar, mostrava-se que haveria uma espécie de racionalidade no desenvolvimento científico, mais ou menos a ideia de que aquilo que era inventado surgia na sua hora e não poderia deixar de surgir. Cheguei à ideia de que existe contingência na história das ciências

e, em particular, me interessava o desenvolvimento delas. Nunca aceitei totalmente o discurso triunfalista sobre o nascimento miraculoso, no mundo grego, do pensamento científico universal, e tudo o que vem na esteira disso, incluindo o que desemboca na filosofia alemã, em Heidegger etc. Isso, para mim, era insuportável.

O que me interessava era ver como isso poderia acontecer de outro modo, em outros lugares. Afinal, os chineses têm uma reflexão – não podemos chamá-la de “filosofia”, se quisermos ser muito rigorosos, mas isso não tem importância –, têm uma reflexão abstrata, construíram conhecimentos sobre a linguagem, construíram instrumentos linguísticos. Não vejo por que isso seria menos interessante do que a gramática de Dionísio Trácio, que tem vinte páginas e é bastante sumária.

Foi por aí que me lancei e consegui encontrar amigos que trabalhavam em áreas diferentes, mas que, em geral, eram eruditos. Por exemplo, um sinólogo conhecia um pouco o que se passava em matéria de linguagem na história do pensamento chinês, mas não articulava isso ao que poderia ser, em certa medida, uma história universal dos conhecimentos linguísticos. Foi aí que eu os incentivei a trabalhar em conjunto e a tentar compreender o que havia de comum, o que havia de diferente, o que havia de contingente.

Isso foi algo apaixonante para mim e uma grande descoberta. E, no fim das contas, não correu tão mal assim. De certo modo, ninguém protestou. Também não correu tão bem, porque isso não marcou as pessoas. Você não vê por aí gente dizendo: “ah, sim, nas teorias linguísticas chinesas não há teoria do verbo, não há isto, não há aquilo”. Ninguém faz algo que para mim foi caro e que tentei promover, com sucesso bastante mitigado: a epistemologia comparada. A ideia de que os conhecimentos podem

se desenvolver a partir de terrenos diferentes e segundo uma historicização distinta. Isso é algo que não é aceito. Estamos mergulhados no universalismo mais completo.

Chegou um momento em que eu discutia inclusive com historiadores da matemática, como, por exemplo, minha amiga Karine Chemla²⁰, uma especialista em matemática chinesa, e fica claro que a história da matemática chinesa não é a história da matemática ocidental, e que haveria algo a fazer aí, a estudar, a comparar e, a partir daí, construir reflexões sobre o que é o espírito humano e o conhecimento. É isso que me orienta na diversidade das abordagens culturais da linguagem.

[Chloé Laplantine]:

Você mesmo se interessou pelas gramáticas de línguas ameríndias. Pode nos dizer o que o interessava nisso?

[Sylvain Auroux]:

Por que eu me interessava pelas gramáticas de línguas ameríndias? Porque eu tinha um amigo muito próximo, Francesco Queixalos²¹, cujo trabalho era justamente esse. Ele é, como eu, aluno de Bernard Pottier. Isso me fascinava, porque eu lia gramáti

²⁰ Karine Chemla (nascida em 1957) é uma historiadora da matemática e sinologista francesa. É membro da Academia Leopoldina. É desde 2013 membro ordinário da Academia Europaea. Foi palestrante convidada do Congresso Internacional de Matemáticos em Berlim. Karine Chemla estudou matemática na École Normale Supérieure de Jeunes Filles (1976–1982) e história da matemática no Instituto de História das Ciências Naturais (Pequim, China, 1981), obtendo seu doutorado em matemática em 1982, com uma dissertação sobre um texto matemático chinês do século XIII (Universidade Paris XIII-Villetaneuse). Atualmente, é pesquisadora sênior no Centro Nacional Francês de Pesquisa Científica (CNRS), no laboratório SPHERE (CNRS e Universidade Paris Diderot), e de 2011 a 2016 foi pesquisadora principal do projeto de pesquisa avançada do Conselho Europeu de Investigação (ERC) “Ciências Matemáticas nos Mundos Antigos” (SAW). Ela se concentra na relação entre a matemática e as diversas culturas em que é praticada, a partir de uma perspectiva da antropologia histórica. (cf. página eletrônica do Instituto Max-Planck. Disponível em: <https://www.mpiwg-berlin.mpg.de/people/kchemla>. Acesso em: 01 mar. 2026.

²¹ Pesquisador do Centro de Estudos de Línguas Indígenas das Américas (SEDYL) (CNRS, IRD, INALCO, Universidade de Paris 7) e Pesquisador Sênior do Centro Nacional de Pesquisa Científica da França (CNRS).

cas de línguas ameríndias, ou de outras línguas, datando do século XVII, que explicavam, por exemplo, que, naquela língua, não havia verbo, não havia artigo, não havia isto, não havia aquilo, e eu queria ver concretamente como aquilo funcionava.

Então eu me disse que o mais simples, seguindo o método do meu professor Desanti, era ir ver; e nós chegamos até a publicar uma gramática de uma língua ameríndia, a única que foi feita por franceses. Eu poderia muito bem ter me interessado pela gramática comparada e tentado estudar este ou aquele aspecto da evolução de tal grupo consonantal, mas, convenhamos, as gramáticas ameríndias eram mais interessantes. E, além disso, as pessoas que faziam isso eram mais “soft”, mais abertas à diversidade.

Retive daí, de fato, a abordagem. E acrescentaria que, durante meus estudos de linguística, uma grande parte do certificado de linguística geral consistia em nos ensinar o que deveríamos fazer se chegássemos a uma situação de língua desconhecida: como fazer a fonologia da língua, apreender os primeiros elementos gramaticais etc. Isso fazia parte da formação. Era uma reação contra os velhos linguistas que faziam gramática comparada. Assim, as gramáticas ameríndias me agradaram bastante, além de o pessoal que trabalhava com isso ser notável.

[Chloé Laplantine]:

Parece-me que o que distingue o seu trabalho do de outros, o que você traz de específico, é uma verdadeira teoria da história. Ou seja, ao ler certos autores, temos a impressão de que eles relatam fatos, de que a história é concebida como linear e unívoca, enquanto na sua maneira de apresentar as coisas há, por exemplo, horizontes de

projeção e de retrospectão, que fazem com que a história seja vista de modo muito mais complexo.

[Sylvain Auroux]:

O que foi o nosso sucesso e a nossa marca foi fazer uma história com pontos de vista teóricos, mostrar que fatos brutos não existem. Isso está, aliás, na tradição da historiografia francesa, inclusive na filosofia da história em geral.

Por conseguinte, aqueles que começam a nos contar o que era determinada “pequena gramática”, ou a encadear história desse jeito, produzem algo anedótico. É preciso ver se eles têm, na bibliografia, coisas que nós não temos, mas o interesse dos artigos deles não vai muito além.

O que precisamos continuar fazendo é manter esse ponto de vista teórico, que faz com que, para nós, a história não seja o encontro de um espírito vazio com fatos que subsistiriam por si. A história é a construção de hipóteses sobre o funcionamento de um domínio do real que, no caso, é o conhecimento dos fenômenos linguísticos. Acho que é isso que é preciso continuar fazendo, porque, caso contrário, vamos recair na anedota e deixaremos de ser uma disciplina.

Sobre o que deveríamos nos concentrar? Eu diria que é preciso interessar-se pela história da formalização das ciências da linguagem, desde, digamos, os anos 1930 do século XX até hoje, quando... Creio que essa formalização tem menos importância do que teve nos anos 1990–2000, na época do desenvolvimento da gramática gerativa. Por quê? Porque percebemos que ela nunca é mais do que uma forma de exposição, uma linguagem. E, desse ponto de vista, quando descrevemos alguma coisa, sempre temos a escolha da linguagem de descrição.

Às vezes penso: “no fundo, aquilo que fez explodir a formalização – o estudo, em certa medida, matemático – que deu origem, por sua vez, a novos objetos matemáticos, como a teoria das linguagens formais, nasceu da especulação gramatical, do mesmo modo que o cálculo integral nasceu da física clássica”. Portanto, não há por que ter vergonha da relação entre as ciências da linguagem e a matemática. Mas tenho a impressão de que, quanto mais avançamos, menos isso importa. Atualmente, não consigo imaginar ninguém que se orgulhasse de dizer: “Eu formalizei a linguagem”. É óbvio.

[Chloé Laplantine]:

Para você, é importante não compartimentar as humanidades e as ciências exatas?

[Sylvain Auroux]:

Claro, eu sou completamente contra essa ideia de compartimentar, sobretudo porque, por trás disso, há uma certa ideia do que são as humanidades que não me agrada. Para mim, as humanidades não são erudição dispersa ou desabafos da alma. São conhecimentos precisos: é filologia, é estabelecimento de fatos etc.

Há um *continuum* de disciplinas, e acredito profundamente numa unidade intelectual do espírito. Quer você estude, por exemplo, a evolução do sânscrito clássico, quer estude os buracos negros, não existem “trinta e seis” maneiras de fazer isso: é sempre o mesmo espírito. É uma tese forte, talvez um pouco idealista, mas que é temperada pela ideia de que, por trás dessa unidade do espírito, há diversidade, porque o espírito não é suficiente, é apenas uma parte muito pequena do conhecimento, já que, para mim, o ambiente participa do conhecimento. É esse ambiente que determina o que construímos, que determina quais tipos de conhecimento temos.

[Chloé Laplantine]:

O terceiro volume de *Histoire des idées linguistiques* termina, cronologicamente, por volta de 1920. Por que não ir mais adiante? E, se houvesse um quarto volume, o que ele seria?

[Sylvain Auroux]:

Vai haver um quarto volume um dia, disso podemos estar certos! E o que ele será? Justamente: se eu soubesse, já o teria escrito.

Por que paramos por volta de 1920? Porque me parece que houve ali uma cisão; eu parei antes do triunfo intelectual do estruturalismo. Por quê? Porque, no universo cultural da época, era muito difícil falar do estruturalismo com os nossos métodos de historiadores. Íamos na contramão de praticamente tudo o que se dizia: que era dali que vinha a ciência, isto, aquilo; e ainda havia muitas pessoas envolvidas na linguística a partir daquele paradigma. Teria sido um combate épico e, eu diria, não tão interessante assim.

Acho que agora já se pode ir mais longe. Creio que hoje já dá para ir, com métodos normais de historiador, até Chomsky, já que isso também ficou para trás. Mas continuo partidário daquela observação de Hegel: “a coruja de Minerva é uma ave que levanta voo ao crepúsculo”. Quando fazemos história, chegamos sempre depois.

[Chloé Laplantine]:

Com os três volumes de *Histoire des idées linguistiques*, vemos que você conseguiu organizar uma rede internacional de pesquisadores que trabalham sobre questões epistemológicas, sobre tradições linguísticas diversas e de épocas também diversas. Es

ses volumes são, em grande parte, o resultado da sua atividade de organização da pesquisa, em especial no laboratório HTL, na SHESL e com a revista *Histoire Épistémologie Langage*. Que futuro você vê para as pesquisas em história das ideias linguísticas? Existem, na sua opinião, desvios a evitar, becos sem saída, trabalhos que ainda não foram realizados?

[*Sylvain Auroux*]:

Vamos começar pelo início da sua pergunta, sobre o aspecto organizacional. Isso é algo que me é muito caro, por causa da concepção materialista de ciência. A ciência não é algo que se faz dentro da cabeça de um sujeito. É algo que se faz na interação, na construção de instituições.

Sempre achei que a criação de revistas, de sociedades científicas, de espaços de encontro fizesse parte da criação da própria ciência. Por conseguinte, quando quis que se desenvolvesse a história das ciências da linguagem, justamente para que se tivesse outra ideia do que era a linguística, era evidente para mim que isso não poderia ser feito sozinho, num canto. Veja bem, eu acredito na pesquisa, acredito na instituição da pesquisa, acredito na universidade; não acredito no “pequeno gênio” que inventa alguma coisa isolado, no seu cantinho.

Por isso trabalhei para criar uma revista, uma sociedade científica, congressos, e para reunir pessoas que faziam isso no mundo inteiro. Isso foi se tecendo por meio de viagens, de congressos; não surgiu de imediato. Essas pessoas foram aparecendo. Formou-se um meio, um campo, e eu acrescentaria que é preciso oferecer “vulgatas” nesse tipo de meio, e *Histoire des idées linguistiques* é um pouco isso.

Nós, historiadores e epistemólogos franceses, tínhamos uma ideia bastante consistente, coerente, do que representava o conjunto, e isso foi expresso nos três tomos de *Histoire des idées linguistiques*, em que, creio, há cerca de oitenta colaboradores. Assim, é bastante diversificado e, ao mesmo tempo, mostra que, por trás dessa diversificação, há um núcleo de racionalidade que se organiza.

E o que haveria a fazer, no futuro, em história das teorias linguísticas? Acho que seria preciso fazer mais histórias comparadas. É verdade que, para qualquer um que leia os três tomos de *Histoire des idées linguistiques*, fica claro que existem outras tradições no mundo que construíram um saber sobre a linguagem, em outras circunstâncias, com outros conceitos etc.

Mas, até agora, não se colocaram questões do tipo: “afinal, o que diferencia, digamos, no século XV, o saber ocidental sobre a linguagem e o saber chinês ou japonês, ou mesmo indiano?”. E digo “século XV” porque me parece que a grande cisão na história das ciências da linguagem – e aquilo que faz com que, nesse ponto, o Ocidente seja algo bastante à parte – foi a apreensão de todas as línguas do mundo a partir de uma única tradição linguística. Isso é bastante impressionante: foi, de fato, o que se chamou de “grandes descobertas”, mas passamos a ter gramáticas para estudar as línguas, para fornecer instrumentos a missionários, viajantes etc. E, nesse ponto, a história intelectual do Ocidente não é a mesma.

Imagine: você me diz que, na China, há uma diversidade enorme de línguas. Eu nem sei se há realmente muitas pessoas que falam mandarim. E nunca se interessaram por isso. Sabe-se que houve alguns escritos para ajudar embaixadores, mas não mais; o mesmo vale para a Índia. Em geral, quando se constrói uma tradição linguísti-

ca, e por razões que ainda não compreendemos muito bem, ela é autocentrada sobre o vernáculo que as pessoas usam.

É bastante surpreendente ver que as necessidades técnicas – por exemplo, comunicar-se com outros povos – não parecem ser algo muito importante, do nosso ponto de vista atual, na história do nascimento das tradições gramaticais. Na história dessas tradições, o que é importante é a relação com um texto, com a literatura, e é apenas no Ocidente, a partir das grandes descobertas, das conquistas etc., que passamos a fazer gramáticas de todas as línguas do mundo. Mas talvez também aconteça de conhecermos pouco os detalhes da tradição linguística chinesa, e de ter havido uma infinidade de pequenos manuais.

[Chloé Laplantine]:

E, quanto às coisas a evitar, existe uma maneira de fazer história das teorias linguísticas que, para você, seja vã, baseada em perguntas mal colocadas? Qual é a sua opinião?

[Sylvain Auroux]:

O que é preciso evitar é o que eu chamo de “historiografia” [no sentido pejorativo]. Isto é, os relatos de pessoas que contam a própria aventura intelectual. Isso não é história. O que é preciso evitar são, em certa medida, os amadores que encontram uma gramática e dizem: “olha só, que incrível, vejam, no século XVII existia uma gramática que descrevia, muito bem até, tal língua”. É claro que as pessoas descreviam muito bem as línguas. Eram bons técnicos.

Portanto, é preciso continuar trabalhando com protocolos, com instrumentos e, digamos assim, em algum momento será preciso enfrentar o período do estruturalismo. Trata-se de algo enorme, em que a linguística explodiu. Pelo que a minha geração conhece, não foi, intelectualmente, tão rico assim – mas isso precisa ser verificado –, e, sobretudo, foi nesse momento que devemos as descrições de centenas de línguas. Há, portanto, um trabalho a ser feito.

Será preciso também avaliar o que a formalização traz de novo – ou não traz – às ciências da linguagem. Tenho tendência a considerar, porque também sou historiador da lógica, que, desde o início, a formalização está presente. Uma gramática é um certo tipo de estrutura, é uma certa formatação [*mise en forme*] e, mesmo que não utilize técnicas idênticas à notação matemática, a formalização já está ali. Dito isso, teríamos que ver qual é a sua real contribuição.

Também seria preciso avaliar o que vale esse conceito de recursividade aplicado à linguagem cotidiana. Eu entendo bem o que está em jogo quando se quer construir a sequência dos números, ou quando lidamos com linguagens artificiais em que as frases podem ser infinitas, mas sempre me pareceu que um axioma a ser posto em primeiro plano, quando falamos da nossa linguagem, é que ela é feita para o diálogo e, portanto, tem de ser finita, e que essa é a sua característica.

Parece-me que seria preciso estudar as coisas desse modo, mas enfim... São ideias. Eu dizia há pouco que é preciso desconfiar dos velhos que fazem a história da própria disciplina: isso quer dizer que é preciso desconfiar do meu discurso. Só isso.

REFERÊNCIAS



AUROUX, Sylvain. **La Sémiotique des Encyclopédistes**: essai d'épistémologie historique des sciences du langage. Paris: Payot, 1979. (Versão revista da tese de 1972).

AUROUX, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Unicamp, 1992.

AUROUX, Sylvain. **La logique des idées**. Montréal / Paris: Bellarmin / Vrin, 1993.

AUROUX, Sylvain. **A filosofia da linguagem**. Tradução de José Horta Nunes. Campinas: Unicamp, 1998. (Original publicado em 1996).

AUROUX, Sylvain. **La raison, le langage et les normes**. Paris: Presses Universitaires de France, 1998.

AUROUX, Sylvain. **A questão da origem das línguas** seguido de **A historicidade das ciências**. Tradução de Mariângela Peccioli Gali Joanilho. Campinas: RG, 2008.

AUROUX, Sylvain (dir.). **Histoire des idées linguistiques**: tome 1: la naissance des métalangages en Orient et en Occident. Liège: Mardaga, 1989.

AUROUX, Sylvain (dir.). **Histoire des idées linguistiques**: tome 2: le développement de la grammaire occidentale. Liège: Mardaga, 1992.

AUROUX, Sylvain (dir.). **Histoire des idées linguistiques**: tome 3: l'hégémonie du comparatisme. Liège: Mardaga, 2000.

AUROUX, Sylvain; KOERNER, E. F. K.; NIEDEREHE, Hans-Josef; VERSTEEGH, Kees (ed.). **History of the Language Sciences / Geschichte der Sprachwissenschaften / Histoire des sciences du langage**: an international handbook on the evolution of the study of language from the beginnings to the present. Berlin: Walter de Gruyter, 2000-2006. 3 v. (Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft / Handbooks of Linguistics and Communication Science, v. 18.1, 18.2, 18.3).

CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation: opérations et représentations**. Paris: Ophrys, 1990. v. 1.



CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation: formalisation et opérations de repérage.** Paris: Ophrys, 1999a. v. 2.

CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation: domaine notionnel.** Paris: Ophrys, 1999b. v. 3.

VOGUÉ, S. de; FRANCKEL, J. J.; PAILLARD, D. **Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação.** São Paulo: Contexto, 2011.